

Matemático vai ao Japão estudar inteligência artificial

O matemático paulistano Cláudio Santos Pinhanez, de 77 anos, desce o elevador do edifício Santa Ephigênia, uma construção de 1926 que faz parte dos patrimônios históricos tombados de São Paulo, onde mora com sua mulher, a advogada Mônica, há seis meses. No orelhão em frente ao prédio, na calçada do Viaduto Santa Ifigênia, telefona ao consulado do Japão. Ele é atendido por um funcionário que só fala japonês. Para conversar, aperta uma tecla no telefone para obter a tradução automática. Marca com o funcionário uma entrevista sobre a bolsa de estudos que acabou de receber do governo do Japão. Quando chega ao consulado, na Avenida Paulista, não é mais necessário apresentar documento para entrar. Seu rosto é prontamente reconhecido por um computador.

Essa cena só tem dois ingredientes fictícios. Não é preciso de muita perspicácia pra saber que o fantástico fica por conta do telefone tradutor e do computador que reconhece rostos já vistos anteriormente. Mas foi justamente a paixão despertada por criações da inteligência artificial representada pelos dois exemplos que motivaram o matemático a irradiar no seu projeto de se aprimorar no Exterior.

Com o mestrado concluído, o jovem professor do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (USP) foi escolhido entre os 300 candidatos que concorreram a uma bolsa de estudos para fazer o doutorado no Japão. Com o livro *Sociedade da Mente* deixo do braço, obra de um dos pioneiros no estudo da inteligência artificial, o norte-americano Marvin Minsky, Cláudio aterrisou na Universidade de Okada, no Japão, onde poderá ser encontrado nos próximos quatro anos.

"Ele é uma das melhores cabeças jovens que surgiram no Instituto de Matemática nos últimos tempos", diz o professor de computação Roberto Terada, que orientou Pinhanez no mestrado na USP na área de processamento paralelo. Trata-se de um ramo da computação que versa sobre a rapidez do tra-



Norma Albano/AE

Pinhanez: viagem ao Japão para estudar inteligência artificial

balho com computadores.

Cláudio Pinhanez queria continuar estudando as possibilidades da implantação de processamento paralelo na inteligência artificial aqui mesmo, mas o Brasil não oferece doutorado nesse terreno. "Se novas gerações de máquinas com muitos processadores fossem usadas no campo da inteligência artificial, essa área daria um grande salto", assegura.

Filho do cineasta Roberto Santos (A hora e a vez de Augusto Matraga), falecido há três anos, o matemático recém-chegado ao Japão sabe que terá de pôr à prova o seu talento. Ramo do conhecimento multidisciplinar por excelência, a inteligência artificial ainda enfrenta o estigma de ser o "viralata da computação", como expressou o matemático Marvin Minsky. Por extrapolar o terreno da matemática e da com-

putação, seus estudiosos precisam estar abertos às idéias da psicologia, linguística e filosofia.

"Apesar da pouca idade, Cláudio tem um amadurecimento excepcional para relacionar-se com especialistas de outras disciplinas", elogia Zilda Zapparoli Castro Melo, coordenadora do Centro de Informática da Linguística da USP, do qual Pinhanez fez parte. O matemático sempre gostou de conciliar atividades aparentemente inconciliáveis, como bem atesta o seu passado: na adolescência conseguiu ser ao mesmo tempo primeiro aluno da Escola Técnica Federal de São Paulo e ator do extinto grupo de teatro amador Ivamba (sigla inusitada de A Influência dos Ventos Aliseos na Mensuração da Borboleta Azul).